

A CATEGORIA POBREZA NA FORMAÇÃO DOS NOVOS MEMBROS DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA

Mirian de Medeiros

Janine Moreira

INTRODUÇÃO

Sou membro da Congregação Religiosa das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, no Brasil conhecida sob a sigla IENS. Esta é uma congregação religiosa católica, nascida no ano de 1833, na Baviera, Alemanha.

Necessário é dizer que cada Congregação Religiosa tem um *Carisma*¹. O Carisma das IENS tem várias facetas, uma delas é a *Educação*. Preciso pontuar também que uma congregação religiosa possui um ciclo de vida, que vai desde a fundação até o momento em que chega a um estado crítico, que passa a exigir dela revitalização, caso contrário, deixará de existir. A revitalização e a atualização de seu carisma são as chaves para a vida de uma congregação.

Para Nelson et al (1979), os fundadores das congregações religiosas buscaram responder a suas realidades sociais, buscando dar respostas concretas às necessidades de sua época.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) apelou às congregações religiosas para que revisassem suas constituições, de modo que pudessem melhor expressar seu carisma no mundo contemporâneo.

Um fato histórico que não pode ser negado ou escondido é o do reduzido número de entrada de novos membros e do rápido declínio do número de membros professos², devido a óbitos e saídas. Diante deste fato, e diante da necessidade de continuar existindo, muitas congregações estão focando suas forças não tanto na quantidade, mas na qualidade de seus membros, e uma maneira de garantir essa qualidade é uma boa formação de novos membros. O que caracteriza a qualidade de um (a) religioso(a) é a vivência radical dos Conselhos Evangélicos. Assim, toda congregação de vida religiosa católica tem a Pobreza como Voto, e a maioria delas,

¹ Carisma para uma congregação religiosa da Igreja Católica significa sua razão de ser, seu dom para o mundo. O carisma traz consigo a identidade espiritual de uma congregação religiosa, o que os religiosos creem ser a vocação de seu instituto religioso.

² Religiosos com os votos de Pobreza, Castidade e Obediência.

os pobres e marginalizados como opção preferencial. Nesta categoria estão as IENS.

Neste artigo, parte de minha dissertação de mestrado em educação que estou escrevendo, tomo a pobreza não como voto religioso, mas sob a ótica da opção pelos pobres e marginalizados socialmente, e busco apontar vozes que gritaram contra as injustiças cometidas contra povos latinos. Não quero negar nem ignorar erros cometidos pelos católicos, mas quero mostrar que em meio a luzes e sombras, o catolicismo tem possibilidade de contribuir para melhorar a situação de povos latinos pobres e oprimidos. Para tanto, estes religiosos precisam manter-se fiéis ao cristianismo e ajudar a esses pobres e oprimidos a problematizarem a realidade.

Em minha dissertação, optei por estudar esta congregação à luz de pensadores latino-americanos, o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) e o filósofo, teólogo, historiador e cientista da religião argentino, Enrique Dussel (1934 - ...). O objetivo de minha pesquisa é identificar como é tratada a categoria “pobreza” – centro das preocupações cristãs – na formação de novos membros da congregação, a partir das categorias educação libertadora, colonialismo e libertação.

Neste texto, busco aproximar as diretrizes norteadoras da congregação das IENS, nascidas a partir dos Capítulos Gerais³ da congregação, aos escritos de Dussel, o qual escreveu sobre “questões sociais latinas”. Há outros documentos que ainda analisarei no transcorrer de minha dissertação. Valho-me também da ideia de que o carisma de uma congregação religiosa está sujeito à história.

Segundo Freire (2014), transformar a realidade histórica exige ação e reflexão. Esta transformação requer a negação do poder do que pensa que “sabe” sobre aquele que ele supõe que “não sabe”. Pensar que se pode libertar as pessoas das opressões que lhes são imputadas é um engano. Estas pessoas precisam conscientizar-se da opressão a que estão submetidas, para que elas mesmas se libertem a partir da consciência de si mesmas. Para Freire, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. (FREIRE, 2014, p.71). Ainda que este texto vá se fundamentar somente nas ideias

³ “O Capítulo Geral é um colegiado representativo de todas as Províncias e regiões, e é a máxima autoridade da Congregação, quando reunido.” (VSE – DG, 1987, p.92-93).

de Dussel, é com Freire que termino de introduzi-lo, uma vez haver aproximações entre os dois autores. Vamos, então, à reflexão da relação da pobreza do cristianismo com as ideias de Dussel.

METODOLOGIA

Em minha dissertação estou realizando uma pesquisa bibliográfica, cujos autores centrais são Enrique Dussel e Paulo Freire. Também estou desenvolvendo uma análise documental a partir dos principais documentos da congregação das IENS: Constituição, Atos dos Capítulos Gerais, Cartas dos Fundadores e Plano de Formação para Novos Membros.

POBREZA E CRISTIANISMO NA AMÉRICA LATINA – ALGUMAS REFLEXÕES

No que tange às buscas das IENS para revitalizar seu carisma, quero mostrar algumas linhas norteadoras desta congregação após os apelos do Vaticano II para reformulação das constituições a todas as congregações. A partir deste pedido, as IENS assumiram em sua constituição: “[...] consideramos essencial para a nossa constituição, vida e missão: [...] O MUNDO, que é a situação concreta [...]. NOSSO CARISMA, que focaliza nossa vida e missão [respondendo] a necessidades urgentes, preferindo os pobres [...]” (VSE, 1979, p. 15-17. Grifo da autora).

Além de reformular sua Constituição, as IENS decidiram que se reuniriam em Capítulo Geral a cada cinco anos, tendo entre os objetivos, o de delinear as diretrizes da congregação para os 05 anos subsequentes. Assim podemos ler nos Atos de seu Capítulo Geral de 2002:

Ouvimos o clamor de nosso mundo. Embora sendo obra preciosa e bela [...] a terra e seu povo estão, hoje, numa condição fragilizada. [...], vemos, também, que a expansão da globalização está aumentando a distância entre ricos e pobres. Apreciamos o dom da riqueza do pluralismo das culturas e religiões do mundo. No entanto, vemos como, frequentemente, os seres humanos tratam uns aos outros com ignorância, hostilidade e violência. (Convocadas à Transformação, 2002, s/p). .

Em 2007, declaram: “[...] promovemos educação para todas as pessoas, especialmente, as que são marginalizadas e esquecidas.” (IENS, Chamadas à Solidariedade, 2007, s/p). Em 2012, as IENS se comprometem a: “Direcionar

recursos e ministérios para a educação que transforma e impele todos a eliminar as “causas fundamentais da injustiça” [...]” (IENS, Não Pode Esperar, 2012, s/p. Grifos da autora).

Nos textos citados acima, podemos perceber que as líderes da congregação estão conscientes da realidade desigual que há em nosso mundo. Seus documentos mostram isso. Teoricamente sabem, talvez o mais difícil seja fazer com que as decisões tomadas possam ser, de fato, implementadas. Creio que para isso, precisam colocar seus corações e seus pés dentro da realidade latino-americana, dar-se conta de que são latinas, que o povo que sofre é latino e que, apesar da congregação ser internacional, é numa realidade concreta que atuam: a América Latina. Simplesmente copiar modelos europeus ou estadunidenses não dará as respostas que o povo latino necessita.

Enrique Dussel, um dos autores que uso como fundamentação teórica em minha dissertação, é latino por nascimento, mas precisou distanciar-se de sua pátria para sentir-se latinoamericano, perceber a realidade de seu continente e, a partir daí, lutar pela libertação de seu povo. Dussel, ao estudar na Espanha, realizou pesquisas no *Archivo General de Índias*, em Sevilha. Em sua pesquisa, entrou em contato com documentos oficiais e passou a lê-los sob a ótica latina. Londoño, amigo, estudioso e discípulo de Dussel, escreveu: “Partindo à procura da Europa, paradoxalmente o primeiro que encontrou foi a América. [...]. Em Barcelona, ante a diferença, se descobriu definitivamente latino-americano.” (LAMPE *apud* ALVES, 2005, p.22).

Dussel (2015) não vê a história apenas como uma narrativa de fatos e a considera ponto de partida para seu pensamento. Ele defende a ideia de que o conceito de Modernidade, aceito até então, é um mito, é exclusivamente europeu, e tem a Europa como centro e grande protagonista.

Segundo Dussel (2015), há uma segunda visão de Modernidade e esta faz a leitura da história mundial e não mais somente em nível de Europa. Segundo ele, para falar da história da América Latina é necessário percorrer a história da humanidade. Na visão de Dussel, a história de nosso continente⁴ se iniciou muito tempo antes de 1492, quando Colombo aqui chegou, e antes desta data não houve uma história mundial. Na verdade, a América Latina foi “encoberta” e

⁴ Dussel traz a América Latina como um continente.

não "descoberta". Dussel (1985 b) diz que buscar explicar a história latino-americana partindo do século XIX, ou do século XVI, ou somente das culturas pré-hispânicas, é não ter entendimento do que houve aqui. Com o colonizador espanhol e português, chegaram também os missionários cristãos católicos. Neste ponto, é importante destacar que cristandade e cristianismo não são sinônimos. Cristandade não é cristianismo, e sim o cristianismo dentro de uma determinada cultura. O que chegou à América Latina foi mais cristandade do que cristianismo. Segundo o autor, a Espanha [também Portugal] só tinham uma ideia do cristianismo: a cristandade. A cristandade ata o cristianismo, impedindo-lhe de transcender a cultura. Foi através das conquistas do império romano que a cristandade chegou à Europa e desta, às colônias europeias.

Dussel (1993) faz também uma distinção conceitual entre *invenção, descobrimento, conquista e colonização*. Ao falar sobre a conquista da América Latina pelos europeus, ele fala da dominação de pessoas. Tendo dominado os territórios geograficamente, o conquistador partiu para a conquista dos corpos, "pacificando-os". O Outro foi dominado e sujeitado ao ser incorporado à totalidade dominadora como sendo "coisa". O historiador e escritor espanhol Gonzalo de Oviedo (1478-1557), que participou da colonização do Caribe, escreveu: "Estas gentes destas Índias, embora racionais (sic) e da mesma estirpe daquela da santa arca de Noé, estão feitas irracionais (sic) e bestiais por suas idolatrias, sacrifícios e cerimônias infernais" (OVIEDO *apud* DUSSEL, 1993, p.36).

Contudo, em meio a todo o processo civilizatório europeu na América Latina, que ignorava o nativo latino-americano, imputando-lhe dor e sofrimento, Dussel (1984 a) afirma que vozes, que destoavam das demais, começam a gritar para denunciar a não imaginável situação de opressão e exploração sofrida pelos "índios". Estas foram vozes de europeus, mas que foram capazes de perceber os nativos que nestas terras já viviam há séculos, e que foram negados e ultrajados pelos colonizadores europeus. Nascidos em solo latino ou de coração latino, estes homens defenderam, de forma veemente, a radical decisão que tomaram, muitos pagando seus atos de denúncia com a própria vida. Estes foram os que se mantiveram fiéis ao cristianismo. No dizer de Dussel, foram os profetas latinoamericanos. Eles não permitiram que fosse apagada a tocha do cristianismo que ainda fumegava. Para Dussel (1984 b), é contra a totalidade e contra a divinização da ordem hegemônica que se levanta o profeta.

Tais vozes passam a denunciar os “encomenderos”⁵ junto ao rei, ao Conselho das Índias e à Santa Sé. Dussel, quando as chama de vozes proféticas, cita exemplos delas. Uma destas é a de Frei Antônio de Montesinos (1475-1540), um frade católico e um dos primeiros a denunciar os grandes abusos que sofriam os nativos americanos por parte dos colonizadores. Surgiu também Bartolomeu de Las Casas (1484-1556), outro bispo católico, membro do Tribunal da Inquisição na Espanha, que viera à América Latina e, a partir do que viu, passou a defender os direitos dos nativos latinoamericanos. Começou neste período uma distinção entre o hispânico e o eclesiástico-missionário. Até então, para os índios, espanhol e cristão eram sinônimos. No período colonial era confundida igreja com civilização hispânica e sua cultura.

Com o passar dos anos, foi desenvolvendo-se a classe da Oligarquia Crioula⁶. Segundo Dussel (1984 b), a Igreja Católica fazia parte dela. Pelos anos de 1825, começam a surgir os movimentos “emancipação nacional”. No entanto, estes não foram movimentos populares e sim um movimento neocolonial oligárquico. Os pobres, os mestiços, os índios e os escravos negros não participaram deste processo. No dizer de Dussel, a única coisa que os pobres souberam é que neste período tudo foi feito sem eles.

Conforme Dussel (1984 b), aos poucos nasce na América Latina a autoconsciência da dependência, sendo esta não somente em nível econômico, político, cultural, mas igualmente em nível teológico. Dussel chama este “fenômeno” de *Destotalização Autoconsciente*, que irá dos anos de 1929, quando a oligarquia crioula perde o poder, até 1962. Este fenômeno possibilitará aos latinoamericanos olharem para a realidade e fazer críticas mais reais e consistentes do que aquela feita pelos teólogos e outros pensadores europeus e, logo depois, também estadunidenses. Segundo Dussel (1984 b), a reflexão interna não se foca mais na

⁵ Azevedo traz o termo *Encomienda* como uma concessão à determinadas pessoas para o uso da mão de obra indígena na exploração dos territórios descobertos. Essas pessoas, chamadas *encomenderos*, possuíam direitos vitalícios sobre o trabalho dos índios. Em troca, tinham a obrigação de instruí-los e doutriná-los para o catolicismo. *Na prática, a encomienda consistia na posse dos nativos pelos colonos espanhóis para que estes fizessem deles o que bem entendessem.*

⁶ Segundo Azevedo, termo de origem grega *Oligoi*, significa “pequeno grupo”. *Crioulos*, termo espanhol empregado a partir do século XVI, para brancos nascidos em solo latino-americano. Os crioulos eram influenciados pelo Movimento Iluminista e dispunham de grande poder econômico provindo da agricultura e do comércio, contudo, a coroa não lhes outorgava poder político.

ideia de luta para a emancipação, “mas de uma luta pela libertação latinoamericana” (DUSSEL, 1984 b, p.81).

Dussel aponta as enormes mudanças sociais que vão acontecendo na América Latina na medida em que os Estados Unidos vão, aos poucos, substituindo a Inglaterra em seu imperialismo sobre a América Latina, que se instaurará definitivamente após a Segunda Guerra Mundial. “Dependente do colosso do norte existe hoje uma oligarquia burguês-militar conservadora liberal; uma crescente classe flutuante ou média em todos os países; um povo de pobres, camponeses, operários e marginalizados que não exercem o poder.” (DUSSEL, 1984 b, p.82).

Em 1961, o Papa João XXIII convoca o Concílio Vaticano II (1962-1965). Este concílio representou um marco dentro da Igreja Católica. Importantes documentos surgiram a partir deste concílio.

Costa (2013) escreve que em novembro de 1965, pouco antes do término do Concílio, um grupo de padres se reúne na Catacumba de Domitila, em Roma, e redige um documento chamado “*Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre*”. Cito a seguir uma parte deste documento, assinado por 40 bispos, onde se pode ver sua riqueza, seu comprometimento e sua profundidade:

- Nós, Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, [...] unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; [...] na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus quer nos dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:
- 1) Procuraremos *viver* segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à *habitação, à alimentação, aos meios de locomoção* e a tudo o que daí segue [...]
 - 2) Para sempre renunciaremos à aparência e à realidade da riqueza especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa [...], nem ouro nem prata.
 - 3) *Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco [...]*
 - 4) Cada vez que for possível, confiaremos a *gestão financeira e material* em nossa diocese a leigos competentes e conscientes do seu papel [...]
 - 5) Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...) [...]
 - 6) [...] Nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir *privilégios, prioridades* ou mesmo uma *preferência* qualquer aos *ricos e aos poderosos* [...] (Pacto das Catacumbas. Grifos da autora).

Em 1966, pouco tempo depois de terminado o concílio, de volta à América Latina, os bispos publicam um documento intitulado *Mensagem dos Bispos do Terceiro Mundo*, onde declaram: “Os povos do Terceiro Mundo constituem o proletariado do mundo atual.” (DUSSEL, 1984 a, p.80) e veem a necessidade de se reunirem como líderes da igreja latinoamericana.

Assim, no ano de 1968, os bispos se reúnem em Medellín, na Colômbia, para a II Conferência do Episcopado Latino-americano. Dussel afirma que Medellín “é como o Concílio Vaticano II da América Latina”. (DUSSEL, 1985 a, p.82), a concretização do Vaticano II. Nas declarações de Medellín aparecem as palavras: libertação, dependência, dominação, imperialismo internacional do dinheiro, ainda que houvesse o entendimento de que a América Latina estivesse no período do “desenvolvimentismo”. Dussel assim explica o desenvolvimentismo: “Há sociedades desenvolvidas e sociedades subdesenvolvidas: logo deve-se desenvolver as segundas [...] de acordo com o modo e o modelo das desenvolvidas.” (DUSSEL, 1984 a, p.83).

A partir de Medellín surge a ideia de uma *Teologia para Libertação da América Latina*. Dussel (1984 d) afirma ser a Teologia da Libertação uma reflexão sobre a realidade, sobre a *práxis* de libertação dos oprimidos. Nas Conclusões Pastorais do documento, podemos ler:

[...] cremos oportuno avançar as seguintes linhas pastorais:
[...] Defender [...] o direito dos pobres e oprimidos, exigindo nossos governos e classes dirigentes que eliminem tudo quanto destrói a paz social: injustiça, inércia, venalidade, insensibilidade.
[...] Denunciar energeticamente os abusos e as injustiças, consequências das desigualdades excessivas entre ricos e pobres, entre poderosos e fracos.
(MEDELLÍN, 1984, p.33-35).

Precisamos recordar que a Conferência de Medellín estava inserida num período de golpes militares que tomaram os governos na América Latina: Brasil e Chile (1964), São Domingos (1965), Argentina (1966). Segundo Camilo (2011), os militares passaram a ver o apoio do clero aos pobres como uma “subversão”. Também aqueles que se engajaram no movimento da Teologia da Libertação Latinoamericana passaram a ser duramente criticados pela ala mais conservadora da Igreja Católica. Ainda assim, em todo o Brasil, os religiosos católicos continuavam ao lado de seus fiéis, denunciando os abusos praticados pelos militares, ao lado de uma profunda análise crítica da realidade brasileira. Segundo Löwy, há oito pilares principais da Teologia da Libertação, dentre os quais podemos destacar: “[...] uma forte crítica moral e social do capitalismo dependente [...], e, especialmente, uma opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta de autoliberação.” (LÖWY, 2000 apud CAMILO, 2011).

No ano de 1979, treze anos depois de Medellín, o episcopado latinoamericano reúne-se pela terceira vez, na cidade de Puebla, no México. Nesta data, o sul da América Latina encontrava-se quase todo sob o regime militar.

Conforme Dussel (1984 a), no documento preparatório à Conferência de Puebla, os ataques a Medellín, o desenvolvimentismo, a pouca clareza na defesa dos direitos humanos, na condenação das multinacionais e dos regimes de “segurança nacional”, levou à mais importante reação teológica que houve na história da Igreja latinoamericana. O mundo católico voltava-se para Puebla. “Nesta conferência, alguns teólogos latinos progressistas e que sustentavam a Teologia da Libertação foram impedidos de participar, ainda assim, segundo Dussel, “O tão repudiado Bartolomeu de Las Casas foi definitivamente consagrado, não só por Puebla, mas antes pelo Papa” (Dussel, 1984a, p.123).

Segundo Dussel, apesar de todas as dificuldades, o documento de Puebla apresentou grandes avanços. É a primeira vez que aparecem mencionados indígenas e afro-americanos. Falando sobre estas culturas, o documento traz: “Essa cultura, primeiro a mestiça e depois, pouco a pouco a dos diversos agrupamentos indígenas e afro-americanos, começa no século XVIII a sofrer o impacto da chegada da civilização urbano-industrial, [...]. (PUEBLA, 1984, p. 179).

Dussel (1984a) afirma também que no documento de Puebla perpassa a condenação da política de segurança nacional, aponta-se para a ordem social injusta, critica-se o domínio das nações ricas sobre as nações pobres, o poderio das multinacionais e a lamentável situação dos asilados e refugiados.

Conforme Dussel (1984 a), o coração do documento de Puebla é a Opção Preferencial pelos Pobres:

Comprometidos com os pobres, condenamos como antievangélicas a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso continente. Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores desta pobreza. [...]
Com seu amor preferencial, mas não exclusivo, pelos pobres, a Igreja presente em Medellín [...] foi um chamado à esperança, rumo a metas mais cristãs e humanas. A III Conferência Episcopal de Puebla quer manter vivo este chamado e abrir novos horizontes à esperança. (PUEBLA, 1980, p.312. Grifos da autora).

A partir das Conferências de Medellín e Puebla, a partir do Concílio Vaticano II, o episcopado latino-americano, apesar de resistência de um grupo mais

conservador, dá um salto qualitativo no que tange ao compromisso social com pobres e marginalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, é possível perceber que há relativa consonância entre os documentos norteadores da congregação das IENS com os escritos de Enrique Dussel, um crítico da realidade social latino-americana. Necessito ainda, na minha pesquisa em andamento, fazer uma análise da forma como estes documentos assumidos pelas IENS estão sendo implementados hoje.

Dussel, ao buscar a história da América Latina dentro da história mundial, apresenta um novo conceito de Modernidade, partindo da ideia que a América Latina não foi “descoberta” e sim “encoberta”. Os primeiros colonizadores europeus ignoraram os latino-americanos que há séculos aqui já viviam, considerando-os brutos, selvagens, idólatras, denominando-os “índios”. Estes europeus, na verdade, que não sabiam nem mesmo onde tinham chegado, jamais cogitaram perguntar ao Outro, que viam pela primeira vez, quem, na verdade, ele era. Desta forma, negando, ignorando, ultrajando, domesticando e matando, o europeu branco tomou posse dos corpos e das vidas dos nativos latino-americanos.

Passaram-se décadas e os abusos infligidos contra os nativos simplesmente foram transferidos também aos escravos negros, os quais para a América Latina eram trazidos e tratados como seres sem alma, como animais. Apesar das vozes proféticas que gritaram contra tamanho descaso, violência e opressão, pouca coisa mudou.

Do dominador europeu, a América Latina passou para a dominação estadunidense, onde quem dá as cartas é o regime neoliberal. A partir desta nova fase de dependência e domínio externo já mencionado, somaram-se também camponeses e operários. No pensar de Dussel, são todos estes pobres porque são negados, explorados, injustiçados e condenados por uma ordem social injusta.

Dussel aponta compromissos assumidos pela Igreja Católica a partir de grandes eventos, que buscaram diminuir tamanho sofrimento: O Concílio Vaticano II e as Conferências de Medellín e de Puebla. A partir destes eventos surgem compromissos assumidos por aqueles que são católicos conscientes: opção preferencial, embora não excludente, por pobres e oprimidos, condenação à ordem

social injusta, crítica ao domínio das nações ricas sobre as pobres, repúdio ao poder imperial do dinheiro, denúncia aos mecanismos geradores de pobreza.

Dentro deste contexto está inserida a congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora e é neste contexto que seu carisma congregacional está convidado a dar sua colaboração para que a América Latina seja socialmente mais igual e mais justa. Talvez seja esta uma seta que aponta de que modo o carisma congregacional das IENS possa ser reavivado hoje, e isso passa, com certeza, pela formação de novos membros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Claudenir Módolo . **Ética da Libertação: A Vítima na Perspectiva Dusseliana**. 2005. 116 p. Dissertação. (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1547. Acesso em 02 fev.2016.

AZEVEDO, Antônio Carlos dos Amaral. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. 3. ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, 466p.

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A Teologia da Libertação no Brasil: Das Formulações Iniciais de sua Doutrina aos Novos Desafios da Atualidade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DIÁLOGOS ENTRE A GRADUAÇÃO E A PÓS-GRADUAÇÃO, 2, 2011. Goiânia: UFG, 2011. 08 p.

COSTA, Santos Iraneidson. “Eu ouvi os clamores do meu povo”: o episcopado profético do nordeste brasileiro. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.11, n.32, p.1461-1484, out/dez. 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15033/11226>. Acesso em 07 abr.2016.

DUSSEL, Enrique D. **Caminhos de Libertação Latino-Americana: interpretação histórico teológica**. Tradução de José Carlos Barcelos, Hugo Toschi; revisão de Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984 a. 152 p.

_____. **Caminhos de Libertação Latino-Americana: história, colonialismo e libertação**. Tradução de José Carlos Barcellos, Hugo Toschi; revisão de Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984 b. 226 p.

_____. **Caminhos de Libertação Latino-Americana: reflexões para uma teologia da libertação**. Tradução de José Carlos Barcellos, Hugo Toschi; revisão de Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984 d. 298 p.

_____. **1492: O Encobrimento do Outro – A origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt.** Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993. 196p. Disponível em:
<http://enriquedussel.com/DVD%20Obras%20Enrique%20Dussel/Textos/35/1492.pdf>
Acesso em 09 fev.2016.

FREIRE, Paulo (1968). **Pedagogia do Oprimido.** 57.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.254p.

IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA. **Chamadas à Solidariedade.** 24 de outubro de 2007.

_____. **Confiar e Arriscar.** Tema para o 24 Capítulo Geral, 24.10.2015. Adendo Circular 21/11 de 02 de novembro de 2015. Conselho Geral Ampliado. Roma, Itália.

_____. **Convocadas à Transformação.** 16 de outubro de 2002.

_____. **O Amor Não Pode Esperar,** 24 de outubro de 2012.

_____. **Vós Sois Enviadas:** Constituição e Diretório Geral das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1987. 111p.

MEDELLIN (Texto Oficial). **Conclusões de Medellín, 1968.** 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1984, 169 p.

NELSON, Sally Ann et al. **Madre Teresa, Mulher de Visão.** Tradução de Tarcisia Schwade. Porto Alegre: Metrópole, 1979. 94p.

OLIVEIRA, Hudson Mandotti de. **A Filosofia da Libertação como Desmitologização Modernidade.** Kínesis, v. I, nº 02, Outubro-2009, p. 90 - 104
Disponível em: <file:///C:/Users/Ir%20Mirian/Downloads/Artigo07.H.Mandotti.pdf>.
Acesso em 18 fev.2016.

PUEBLA (Texto Oficial). **III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano-A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina.** 9. ed. São Paulo: Loyola, 1980, 363 p.